

“Que temos nós de nosso senão o que inventamos?”¹

Entrevista a Isabel Rio Novo

JORGE VICENTE VALENTIM*

RESUMO: Entrevista realizada com a escritora portuguesa Isabel Rio Novo, sobre assuntos ligados às suas obras, à sua trajetória e às suas ideias sobre escrita literária. Em vários momentos, o eixo central da conversa foi o seu romance recém-publicado *Rua de Paris em dia de chuva* (2020) para, a partir dele, estabelecer linhas de convergência com outros textos seus.

PALAVRAS-CHAVE: Artes plásticas; Biografia; Escrita literária; Ficção; Isabel Rio Novo.

ABSTRACT: Interview with the Portuguese writer Isabel Rio Novo, about issues related to her works, her trajectory, and her ideas about literary writing. At various times, the main subject of the conversation was her recently published novel *Rua de Paris em dias de chuva* (2020) in order to establish lines of convergence with other texts of hers.

KEYWORDS: Biography; Fiction; Isabel Rio Novo; Literary writing; Visual arts.

¹ Citação retirada do último romance da escritora, *Rua de Paris em dia de chuva* (RIO NOVO, 2020, p. 228).

* Departamento de Letras – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – 13565-905 – São Carlos – SP – Brasil. E-mail: valentim@ufscar.br

Tomou, aqui, a liberdade para dedicar este trabalho ao querido mestre Edson Rosa da Silva (*in memoriam*), que nos deixou no início de 2021. Sua sensibilidade e paixão nas leituras de Barthes, Sartre e Malraux permanecem na memória dos seus alunos e dos seus amigos. Bem haja!

Nascida e criada no Porto, Isabel Rio Novo estreia em 2004, com a novela fantástica *O diabo tranquilo* (em parceria com Daniel Maia-Pinto Rodrigues), seguida de *A caridade* (2005), com a qual foi distinguida com o Prémio Manuel Teixeira-Gomes. Em 2014, lança a coletânea de contos *História com Santos* e, em 2016, com o romance *Rio do esquecimento*, destaca-se como finalista no Prémio Leya e semifinalista no Prémio Oceanos. Nesse ínterim, ganha o Prémio João Gaspar Simões com o romance *Madalena* (inédito) e é distinguida como finalista no Prémio Leya com o romance *A febre das almas sensíveis* (2018). Em 2019, lança um denso volume sobre a biografia da escritora Agustina Bessa-Luís, intitulado *O poço e a estrada*. Por fim, recentemente, como resultado de uma Bolsa de Criação Literária concedida pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), escreve e publica seu mais novo romance: *Rua de Paris em dia de chuva* (2020). Com ele, Isabel Rio Novo consolida-se como uma leitora refinada do século XIX e, a partir dele, compõe histórias e cenas que, de alguma forma, contribuem para interrogar o nosso tempo.

Na tarde de 20 de janeiro de 2021, eu e a escritora Isabel Rio Novo encontrámo-nos para uma conversa, numa das salas remotas da Plataforma Zoom. Em virtude do afastamento social e da pandemia, essa foi a única saída possível para a realização da entrevista. No entanto, o que poderia ser um empecilho acabou se tornando um meio extremamente produtivo, afinal, os temas abordados tomaram mais de uma hora, que passou de forma muito rápida. Simpática, acessível, confiante e, ao mesmo tempo, precisa, a escritora não se esquivou dos tópicos abordados e deixou registrado um momento de puro encantamento e compromisso com os seus princípios e a sua forma de pensar a arte, a literatura e o mundo.

Jorge Vicente Valentim – Bom, em primeiro lugar, preciso agradecer a Isabel Rio Novo e a sua disponibilidade em separar um tempo, dentro dos afazeres, para essa nossa conversa. Muito boa tarde e, desde já, muito obrigado. Quando digitamos o teu nome no Google, quase sempre, recebemos informações muito genéricas e que se repetem de site para site, a ponto de não haver grandes diferenças entre eles, inclusive: teu nome, onde nasceste, quais livros escreveste, onde estudaste, etc. Por isso, para além de todos os dados que encontramos na rede, eu inicio perguntando: quem é Isabel Rio Novo?

Isabel Rio Novo – (risos) É uma mulher que hoje se pode considerar feliz... É uma pessoa normal, nascida e criada no Porto, filha única, que aprendeu a ler muito nova, provavelmente, por não ter irmãos ou miúdos chegados com quem brincar, mas o que me faltava de companhia, sobrava-me de livros à volta. Meu pai, ainda hoje, sempre o conheci com um livro na mão, e, em qualquer lado ou qualquer bocadinho de tempo, ele está a ler. O meu avô

era um erudito, embora tivesse uma profissão que não exigisse tanto, ele trabalhava num banco, mas era licenciado e era extremamente culto. Muito antes de haver Google, era a ele que eu recorria sempre que precisasse de saber qualquer coisa. Por exemplo, “padrinho” (eu sempre o chamava de padrinho, porque além de meu avô, ele também era meu padrinho), “o Agaménon, em que tragédia que é?” E ele, que era sempre muito modesto, respondia assim com um ar de dúvida: “Hum, eu acho que é naquela ali”. E ele estava sempre certo. Falava muitas línguas, lia diretamente do latim e do grego. Era um cérebro (risos). De maneira que eu tinha muitos livros à volta e tinha uma tia-bisavó – que, na prática, foi minha bisavó, porque criou a minha avó –, que tinha disponibilidade e tempo na altura, e foi ela que me ensinou a ler. Eu a pedi para aprender a ler e ela fez-me esse favor. E eu acho que aquilo que a Isabel Rio Novo é hoje é um pouco formatada por esse contato muito próximo com os livros, se calhar menos próxima com as pessoas, não sou de modo nenhum misantropa, mas reconheço que, em termos de contatos humanos fora do meu círculo íntimo, sou muito autossuficiente, e essa autossuficiência vem dessa ligação com os livros. Dito isto, sou casada, apaixonada, temos 3 meninas, convivo com a minha família, enfim, volto à questão inicial: sou uma mulher normal (risos).

Jorge Vicente Valentim – O Paulo¹ então é minoria numérica na sua casa? (risos)

Isabel Rio Novo – Sim e ele evoca muito essa questão (risos). Nem sempre pelas melhores razões (risos).

Jorge Vicente Valentim – Em 2005, tu recibes o Prémio Manuel Teixeira-Gomes, da Câmara Municipal de Portimão, pelo romance *A caridade*. Isso acaba se tornando interessante, porque não se encontra em lugar algum, ou seja, um texto recém-publicado em que o leitor não consegue achar. Por isso, fico com a curiosidade de te perguntar: como foi a experiência de se ver ganhadora de um prémio, logo de saída com a primeira obra de fôlego? Como foi a sua reação?

Isabel Rio Novo – Bom, na verdade, eu escrevo desde muito novinha, mesmo na adolescência, ganhei algumas distinções e menções honrosas com contos. Mas, *A caridade* não sei exatamente se será um romance, é um bocado mais curtinha, de repente será uma novela. Foi a minha primeira tentativa literária de maior fôlego. Na altura, eu fiquei muito contente com o prémio, fiquei muito esperançada também, mas, na verdade, foi um presente um pouquinho envenenado porque a edição foi uma edição da Câmara que patrocinou o prémio, uma edição horrível, cheia de gralhas, com caracteres ínfimos, quase ilegíveis. Bom, com isso tudo, eu poderia viver, simplesmente ela não foi distribuída, ou seja, o livro não teve

¹ Estamos a falar do escritor Paulo M. Morais, casado com Isabel Rio Novo. É autor do romance *Seja feita a tua vontade* (2017), com o qual foi finalista do Prémio Leya. Também publicou *Revolução Paraíso* (2013), *O último poeta* (2015), *Uma parte errada de mim* (2016 – obra com memórias autobiográficas e profundas reflexões sobre o cotidiano no tratamento de um linfoma), além do texto infanto-juvenil *A aldeia verde e vermelha* (2020). Ambos, infelizmente, ainda não se encontram publicados no Brasil.

distribuição, daí também o facto de, como tu dizes, não estar disponível para o mercado. Eu fiquei com alguns quantos exemplares, tenho alguns ainda aqui em casa, e o que faço agora, atualmente, com eles é – bem, no tempo em que os encontros eram presenciais, antes da pandemia –, por vezes, levo e ofereço. Ou, numa livraria aqui em Gaia, que acompanha meu trabalho de perto, deixo alguns exemplares para as pessoas que vão lá comprar os livros mais recentes. Mas tenho muita pena, porque, sendo uma obra de estreia, com todos os defeitos e todas as limitações, próprios de ser uma primeira obra, eu acho que tem as suas qualidades e os seus méritos também. Não me envergonharia nada que ela hoje pudesse circular para que fosse lida, por aquilo que ela é: uma obra de estreia.

Jorge Vicente Valentim – Então, você não tem nenhum tipo de relação negativa com *A caridade*, por ter sido o primeiro texto publicado, como ocorre com outros escritores (Natália Correia, com *Anoiteceu no bairro*, e José Saramago, com *Terra do pecado*, por exemplo)?

Isabel Rio Novo – Não, não. Até porque, em termos de crítica, ele nem existiu. Foi lido por umas quantas pessoas, que me fizeram o favor de dar um *feed back*. Quer dizer, gostaram muito, mas não teve recepção crítica praticamente nenhuma. Pode se considerar, inclusive, que se trata de uma obra semi-inédita. Eu até gostava de encontrar uma oportunidade de poder vir fazer uma segunda edição, para a fazer circular. Mas, se isso não acontecer, não vejo problema algum.

Jorge Vicente Valentim – Daí em diante, vieram mais seis obras. Nesse conjunto, *Rio do esquecimento* tem como faixa temporal abordada o século XIX; depois, *A febre das almas sensíveis* pega a primeira metade do século XX; por fim, em *Rua de Paris em dia de chuva*, novamente, tu retornas ao século XIX. Isso sem deixar de mencionar que, em *O diabo tranquilo*, tu operas, de certo modo, uma revisitação a “A dama pé-de-cabra”, de Alexandre Herculano. Enfim, o século XIX é uma obsessão, ou melhor, um *leitmotiv* para a Isabel?

Isabel Rio Novo – Isso, é um *leitmotiv*, e por razões muito concretas e muito práticas. Como sabes bem, a minha tese de doutoramento incidiu sobre textos de teorização, produzidos no século XIX². Foi uma tese muito trabalhosa, desenvolvida ao longo de sete anos, muito, muito maturada, e que envolveu (nossa, nem consigo me lembrar) uma quantidade astronômica de leituras de romances, de artigos de jornal, de livros de ensaios, foi realmente colossal e foi inevitável que, nesse convívio, tão próxima com a história do século XIX no fundo, que eu ficasse com muito daquilo que é o imaginário do século XIX. Mas é uma época que me agrada muito, talvez, porque, como o século XX começa logo com acontecimentos em nível mundial, com a primeira Grande Guerra e com as epidemias – nesse ponto, eventos muito semelhantes aos que vivemos agora –, esse é um século já de um sofrimento muito coletivo.

² Trata-se de *A missão social da poesia: teorizações poéticas em Portugal e suas orientações francesas (1850-1890)*, defendida em 2004, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A mesma encontra-se disponível para consulta no acervo da Biblioteca local.

Provavelmente, o século XIX é o último momento da humanidade em que as tragédias ainda são muito individuais, ou muito nacionais. Acredito que é um bocadinho por aí.

Jorge Vicente Valentim – Essa sua resposta, na verdade, acabou por antecipar a minha próxima pergunta, porque, ainda muito recentemente, eu estava a ler um artigo teu sobre o exílio na formação do romantismo português³. O que se pode perceber é que a Isabel é uma leitora apaixonada do século XIX, independentemente, onde ocorra a ação narrativa ou, como se vê, do gênero textual de tua autoria. Nota-se nitidamente isso quando comparamos, por exemplo, *Rio do esquecimento* com *Rua de Paris em dia de chuva*. É uma faixa de tempo que atrai a atenção não só da Isabel investigadora, mas, sobretudo, da Isabel leitora e escritora. Com isso, imagino eu, os escritores oitocentistas estejam na mira dessas interfaces da Isabel. Se pegarmos o teu primeiro romance, há um trecho muito significativo: “Não pensem que um escritor consciencioso escreve uma linha só que seja com o intuito de encher papel; que invente um episódio para seu recreio: tudo aqui vem a propósito, desde o facto mais somenos ao pormenor de maior vulto, e os leitores que esquadrinham os fins e suspeitam uma ideia em cada palavra impressa acharão neste romance demonstrações de que os grandes acontecimentos da vida, que fazem pasmar o mundo, são como os nevões: um floco de neve que rola do cimo das montanhas ao chegar às fraldas destrói casas e plantios, embrulha vidas humanas e rompe o equilíbrio das coisas” (RIO NOVO, 2016, p. 93). É inevitável lermos um trecho como esse e não pensarmos nas leituras de Camilo Castelo Branco feitas pela Isabel. A tua ligação com Camilo, de certa forma, pode ser pressentida nas malhas de *Rio do esquecimento*, sobretudo? Ele é um ponto de referência teu?

Isabel Rio Novo – Sim, com certeza. Mas, o *Rio do esquecimento*, em particular, é um mosaico de citações dissimuladas de uma quantidade enorme de autores do Oitocentos. Boa parte dessas vozes, dentro da voz compósita do romance, pertence a Camilo, mas também estão lá Arnaldo Gama, Coelho Lousada, escritores um pouquinho posteriores, do período naturalista, muitos escritores hoje praticamente desconhecidos. É uma espécie de revisitação do Romantismo também, através de uma revisitação dos romances do Romantismo. Isso, mais uma vez, tem muito a ver com a construção de *Rio do esquecimento*. Eu comecei a escrevê-lo quase sem me dar conta, e, quando fazia, era quase com um grande sentimento de culpa, porque foi enquanto eu fazia também a tese. Sempre que transcrevia algo para um documento à parte, coisas que, desde o início, eu sabia que nunca haveriam de ter lugar nos capítulos da minha tese – uma descrição de um bairro, a entrada de uma casa de um visconde, ou a descrição da chegada a Lisboa de um pacote vindo do outro lado do Atlântico, coisas enfim que eu sabia que não tinham ligação alguma com a tese – mas que, no momento, me apetecia guardar e me apetecia transcrever. Claro que fazia com culpa, porque o doutoramento arrastava-se, porque era preciso terminar a tese e a tese é um trabalho sério. Escrever, eu acho que nós próprios, muitas vezes, achamos que não é tão sério, porque não nos assegura

³ “L’exil dans la formation du Romantisme portugais: une question de réception” (2004). Mais detalhes sobre esse texto, verificar as referências ao final da entrevista.

a subsistência, e, portanto, pensamos mais nas coisas importantes do cotidiano. Por isso que, naquela época, eu fazia com alguma culpa. Quando terminei o doutoramento, percebi que tudo aquilo iria servir para qualquer coisa. O doutoramento também foi bom porque – ainda que eu já tivesse escrito *A caridade*, anos antes, ao mesmo tempo em que estava a finalizar o mestrado –, a tese de doutoramento foi a primeira obra grande, primeira obra de fôlego. Creio que, ressalvadas as diferenças entre os dois registros, obviamente, porque são dois tipos diferentes de textos, alguns dos ingredientes da construção de um romance eu consegui aplicar e aproveitar na tese. Algumas das recolhas foram úteis para essa criação mais ampla.

Jorge Vicente Valentim – Já que estamos falando dessa aproximação com os escritores do século XIX, em especial Camilo Castelo Branco, é interessante observar que os teus narradores são – para aproveitar uma expressão que já utilizara antes – extremamente marotos. Há, por exemplo, ainda no teu primeiro romance, um momento em que o narrador diz o seguinte: “Todo o retrato que não toque a perfeição, a ponto de se representar diante dos olhos em tão fundo e alto-relevo que afigure um ente de carne e osso, que se vê, que se escuta, que se palpa, todo o retrato que não toque a perfeição será, digo eu, vão e inútil” (RIO NOVO, 2016, p. 57). Ora, essa precaução soa-me extremamente interessante, porque parece que o narrador de *Rua de Paris em dia de chuva* tem essa mesma preocupação ao esboçar e apostar num retrato de Gustave Caillebotte como uma personagem de carne e osso, que se vê, que se escuta e que se palpa e se sente. E tanto assim é que a Autora se teletransporta daqui do século XXI para lá, no final do século XIX. Ou estou enganado?

Isabel Rio Novo – Sim, em *Rua de Paris em dia de chuva*, isso acontece muito. Também vem do século XIX essa concepção de narrador que eu tenho como alguém presente no texto, ou seja, assumidamente presente no texto, alguém que, de uma forma ostensiva quase, assuma a condução da história, assumo o seu papel na tessitura narrativa e na condução dos destinos das personagens. Nesse sentido, aquela dicotomia que há, por exemplo, entre o contar e o mostrar contribui para discutir o que é um romance, o *showing* e/ou o *telling*. Tudo que eu tenho escrito até agora é muito fabulador do *telling*, do contar, porque eu gosto de contar, gosto tanto do ato de contar quanto da história propriamente dita. O contar é tão ou mais importante do que propriamente a história que está a ser contada.

Jorge Vicente Valentim – Quero me deter um pouco em *Rua de Paris em dia de chuva*, o teu último romance publicado. A Isabel já declarou ser nascida e criada no Porto e ser uma leitora apaixonada de Camilo Castelo Branco. Pois bem, em sites onde a Isabel já teve a oportunidade de falar um pouco sobre a construção narrativa dessa última obra, a questão da ênfase biográfica quase sempre é levantada para se tentar captar a natureza textual. Entendo que seja absolutamente normal o levantamento desse aspecto até porque, aproveitando uma expressão de François Dosse, a Isabel lança mão desse “desafio biográfico” (DOSSE, 2009, p. 57) para construir uma obra de fôlego sobre uma escritora potente e com uma obra hercúlea como é o caso de *O poço e a estrada*, em que se debruça sobre a trajetória de Agustina

Bessa-Luís. Ou seja, escreve numa ênfase em que há, pelo menos, dois grandes escritores do Porto que se dedicam a esse registro: a já citada Agustina Bessa-Luís e Mário Cláudio. Em que medida a Isabel Rio Novo se inscreve nessa tradição, não necessariamente do romance biográfico, mas da ficção que se aventura pelos caminhos biográficos?

Isabel Rio Novo – Isto tem a ver com leituras, com influências e com obras que eu aprecio, como as que referiste, de Agustina e de Mário Cláudio. Mais uma vez, tem a ver com uma forma muito entranhada em mim: o meu gosto pelo retrato em todas as suas formas (vê que estou a ratificar o que se projeta no narrador de *Rio do esquecimento*, no trecho que citastes). Eu acho que já disse isto também numa entrevista e em alguns encontros com leitores, mas é absolutamente verdade. Eu entro numa sala de exposição de pintura, num museu qualquer, e as paredes podem estar repletas de quadro de grandes formatos, paisagens antológicas e grandes instalações; se houver um retrato minúsculo ou num canto da sala, é para lá que o meu olhar vai imediatamente. O retrato atrai-me muito. Mais do que atrair-me, convoca-me, muitas vezes, emociona-me. Isso tem o seu quê também de fortuito e de inexplicável, porque, muitas vezes, estou a ver uma exposição de retratos, um, dois, três rostos são capazes de não me dizer nada, e depois há um que me interpela e que me agarra. Eu penso que a tentação biográfica e, depois, a autobiográfica tem muito a ver com o gosto para saber o que é o indivíduo, por aquilo que é, ao mesmo tempo, irrepetível e universal, idêntico aos outros indivíduos. Isto tem a ver também com o indivíduo, não é? Com o retrato, e a biografia é uma espécie de retrato através da escrita, ou através da tinta, ou da fotografia, ou através de um filme ou mesmo das palavras.

Jorge Vicente Valentim – Nesse caso, vou fazer uma pergunta direta sobre *Rua de Paris em dia de chuva*, ok? O teu último romance é um texto biográfico? Deixe-me explicar a razão da pergunta. Por curiosidade, eu gosto muito de olhar as classificações possíveis em sites de compra, os nichos onde os vendedores colocam os produtos para venda. Nesses sites, eu já o encontrei em três nichos de definição: romance (puro), romance biográfico e romance histórico. Como a Isabel lida com essas oscilações? É tranquilo para si? Consegues enxergar o teu *Rua de Paris em dia de chuva* em todas essas gavetas classificatórias ou preferes colocar numa única específica?

Isabel Rio Novo – Bom, a mim não me preocupa tanto, não me incomoda em que classificação o livro é incluído, desde que assumidamente seja considerado um romance, porque não é definitivamente uma biografia – esta eu fiz num registro de não-ficção com *O poço e a estrada*, sobre a Agustina Bessa-Luís –, porque este último gênero obedece a uma série de requisitos, com uma preocupação com o rigor, com a exaustividade, com a verdade, que o romance não tem que respeitar e não tem que se sujeitar. Para mim, é importante que ele seja considerado um romance. Depois, em que subgênero ele será incluído, a mim, preocupa-me menos. Para mim, é muito evidente que os gêneros literários evoluem, mudam em todas as épocas, e o romance não será uma exceção. Nem um romance pode ser uma

exceção a essa lei, nem a nossa época. Tentando olhar a minha obra a partir do meu olhar também como uma profissional e como acadêmica, percebo que eu tento apagar as fronteiras entre romance, biografia, ensaio, até para, dentro do romance, poder explorar as fronteiras entre ficção e não-ficção. Para algumas pessoas, isso é um atrevimento porque é um tipo de contaminação. Também acho que o leitor “comum” preocupa-se menos com essas coisas, porque ele está mais interessado em encontrar livros que gosta de ler. Nesse sentido, acho que ele não se preocupa tanto com esses rótulos. Agora, a tentação biográfica e a tentação do retrato, ah, essas estão sempre lá (risos).

Jorge Vicente Valentim – Ah, eu gosto dessa expressão! O grande estudioso desse gênero – refiro-me ao ensaísta francês François Dosse – vale-se do termo “desafio biográfico” (DOSSE, 2009, p. 57), mas acho a tua designação muito mais sedutora: a “tentação biográfica”!

Isabel Rio Novo – (risos) Eu não consigo lidar com a realidade de outra forma. Nós somos pessoas, somos sujeitos. Claro que posso querer descrever objetivamente uma paisagem ou uma vida humana. Mas, é muito difícil, e mais que difícil, se calhar, é muito empobrecedor, eu abstrair-me de que o meu retrato de alguém (ou a minha descrição de algo) está sempre imbuído daquilo que eu sou, da minha perspectiva. Eu posso chegar a uma sala e querer descrevê-la da forma mais objetiva possível, mas vai haver sempre um ponto de vista, ou começo de cima para baixo, ou começo pelas cores das paredes, e outra pessoa irá fazer com a mesma pretensão de objetividade uma coisa completamente diferente. Queremos apagar o sujeito que escreve daquilo que é escrito não me interessa nada, eu assumo. Acho isso é mesmo empobrecedor, e a literatura e o romance tem de servir para nos aumentar, e não para nos reduzir.

Jorge Vicente Valentim – Um dos aspectos mais sedutores de *Rua de Paris em dia de chuva* reside na sua sensível homenagem não apenas ao mundo da pintura, claro está, pela evocação do quadro de Gustave Caillebotte logo no título e pela investida no círculo dos homens das Belas Artes francesas (Renoir, Manet, Monet, Morisot, Cassatt, Sisley e Degas, entre outros), mas também ao universo das artes em geral. E a Isabel me corrija se eu estiver enganado, mas a arquitetura de Paris lá está com todas as alterações do mapa urbano na segunda metade do século XIX e os desenhos de modernização do Barão Haussmann; e a música, com Bizet, Fauré, Debussy e o próprio Marcial Caillebotte que foi um compositor de peças muito interessantes.

Isabel Rio Novo – Sim, o Jorge toca num ponto muito positivo dessa tentação biográfica em torno de Gustave e seus irmãos. Logo a seguir de ter descoberto o pintor, uns anos depois descobri o irmão, Marcial Caillebotte⁴, um compositor a quem fiquei completamente

⁴ Martial Caillebotte (1853-1910), além de fotógrafo e considerado um dos pais da filatelia, foi um compositor francês com algumas peças para piano e composições sinfônico-vocais. Graças ao trabalho de Benoit Riou, a música de Martial Caillebotte foi, recentemente, redescoberta e levada a público, sob a regência de Michel

rendida. Eu não sou melômana, nem sou musicóloga, mas as composições dele são muito bonitas e encantadoras.

Jorge Vicente Valentim – Até aqui falamos um pouco do tempo, mas é inegável que os espaços demandam um interesse visível nas obras da Isabel. É uma categoria de interesse visível nos teus textos. Estou cá a lembrar o mapeamento da cidade do Porto, no século XIX, como acontece em *Rio de esquecimento*; o olhar para o interior de Portugal, com as paisagens da Vila de Caramulo, em *A febre das almas sensíveis*; os muitos locais de circulação de Agustina Bessa-Luís, em *O poço e a estrada*; e, agora, a Paris da segunda metade do século XIX, em *Rua de Paris em dia de chuva*. Ou seja, todo esse mapeamento dos espaços demonstra uma preocupação nos projetos de criação da Isabel em localizar as suas personagens não só no plano temporal, mas também – e eu diria até sobretudo – no espacial também.

Isabel Rio Novo – Sim, concordo com isso tudo, mas acho que ainda vai um pouco mais longe, porque não é só uma questão de localização ou de mapeamento, para mim, os lugares são também personagens. Eu costumo dizer que só consigo começar a escrever um livro quando começo a visitar aos lugares, que são, obviamente, outros do que foram ou diferentes daquilo que eu imagino do que foram. São diferentes dos que vão aparecer na ficção, ou na não-ficção se pensarmos na biografia da Agustina, mas o sentimento do lugar é qualquer coisa para mim de muito importante, que me interpela muito também. Por exemplo, n’*A febre das almas sensíveis* – bom, já nem vou falar do Porto, porque é a cidade onde eu nasci, cresci, estudei e, portanto, conheço como a palma da minha mão –, ao pensar na importância que os sanatórios da Serra do Caramulo têm nesse romance, eu percebo essa minha relação com o espaço, porque eu comecei a pensar na história. A história que é contada n’*A febre das almas sensíveis* é uma história de família, não da minha família, mas da família do Paulo, que me deu essa história, vivida por familiares que lhe são próximos. Eu creio que o romance começou a ser escrito quando nós fizemos uma viagem, precisamente às ruínas dos sanatórios do Caramulo. A maior parte desses sanatórios está em escombros, há, é claro, um ou outro que foi recuperado e transformado em residência particular ou em lar de idosos. E, no entanto, foi ao visitar esses lugares que o sentimento do romance acordou definitivamente em mim, por isso os lugares, para mim, são muito importantes, são determinantes, eu diria. O sentimento do tempo é interdependente do sentimento do espaço, e a visita aos locais não é um preciosismo, nem é uma curiosidade, nem é qualquer coisa que eu possa acrescentar à escrita do romance. O espaço faz parte da própria escrita do romance.

Jorge Vicente Valentim – Ao se debruçar sobre o espaço com essa importância, tu pões em relevo a tua personagem e também a obra dela, claro, quando essa personagem é um(a) escritor(a) ou um(a) artista. Interessante, porque essa sua paixão pelos espaços transparece

Piquemal. *A Messe Solennelle de Pâques* foi apresentada na Eglise Saint-Roch em 10 de fevereiro de 2012, com o Coro Regional Vittoria d’Île-de-France e a Orquestra Lamoureux.. Essa performance pode ser conferida em canais do YouTube. Cf.: <https://www.youtube.com/watch?v=MpsDdzFe-8E>

em muitas postagens tuas no Facebook – eu, por exemplo, tenho uma fixação por janelas, por perceber a paisagem enquadrada naquelas quatro linhas, naquilo que está do lado de fora a partir de uma perspectiva interna –, e nas tuas obras fica muito evidente. Antes de chegar a *Rua de Paris em dia de chuva*, quero passar antes por *O poço e a estrada*, porque, ao recuperar a trajetória de Agustina, tu fazes um passeio muito sensível pela obra da autora biografada, recuperando trechos dos textos da Agustina, por isso, fico com essa curiosidade: é possível separar o(a) escritor ou o(a) artista que te interessa da obra deles? (risos) Na verdade, é uma provocação, não é uma pergunta (risos).

Isabel Rio Novo – Sim (risos) A questão do ser possível nem se coloca, a questão é “para quê”? Por exemplo, no caso da Agustina, quando a vida dela foi tanto, eu diria, mais do que qualquer outra coisa ou a obra dela. Eu tenho consciência de que isto pode soar um pouquinho temerário, mas, depois de ter convivido com ela, com a vida dela ao longo dos anos que estive envolvida com a escrita da biografia, eu estou plenamente convencida disso. A Agustina foi, sobretudo, aquilo que ela escreveu. E Agustina – claro, não quero soar desumana ou mal entendida –, de alguma forma, não morreu em 2019, ela morreu quando rematou a última frase do romance *A ronda da noite*, último romance que escreveu. Mas, volto a frisar, não quero ser insensível em relação ao ser humano, nem às pessoas da sua família que a amaram e a estimaram. Mas, a Agustina personagem da biografia de facto existiu desde sempre ao longo da sua obra. E, mesmo na infância e na adolescência, aquilo que eu descobri foi: ela foi uma criança precoce, uma adolescente também completamente atípica, que, desde muito cedo, começa a escrever e escrever a sério, não prendinhas de salão ou poemas esparsos, e começa a escrever romances, obras de fôlego. E falo de uma forma muito consciente da sua vocação, muito consciente da sua ligação com toda uma tradição literária, porque, no momento em que ela começa a descobrir e a ler os grandes autores, ela tem plena consciência de que se vai integrar nessa linhagem, vai juntar a sua voz às vozes daqueles que a precedem. Portanto, não sei se, eventualmente, possa haver casos em que o autor e a obra sejam destrincháveis, mas acho que no caso da Agustina, não.

Jorge Vicente Valentim – E no caso de Gustave Caillebotte, ao que parece, também não.

Isabel Rio Novo – Ah, também não!

Jorge Vicente Valentim – Então, sobre isso, eu preciso perguntar. A Isabel sabe quantos quadros de Caillebotte são citados ao longo de *Rua de Paris em dia de chuva*?

Isabel Rio Novo – Hã... Não (risos).

Jorge Vicente Valentim – São 39 quadros no total, citados ao longo da narrativa, desde os primeiros, de 1872, até à última tela de 1894. Ou seja, são 22 anos dedicados às artes plásticas e ao mecenato em França. Com toda essa profusão, fora os quadros dos outros pintores que

são convocados no romance, levou-me a pensar em *O museu imaginário*, de André Malraux. Nesse sentido, a Isabel montou aqui também o seu museu imaginário com a arquitetura, a música, a literatura e, majoritariamente, claro, a pintura. Mas a autora, a Isabel Rio Novo, também está ali presente, numa das cenas mais deliciosas do romance, quando Martial e Gustave vão fazer o inventário do irmão caçula falecido, “no meio dos títulos extravagantes, descobriram, por exemplo, *La fièvre des âmes sensibles* ou *Rivière de l’oubli*” (RIO NOVO, 2020, p. 128). É uma entrada muito marota, porque esses dois livros misteriosos, em pleno século XIX, nada mais são que os teus dois romances com títulos traduzidos (risos), e aí o leitor fica se perguntando: a Isabel é também uma habitante do século XIX? (risos)

Isabel Rio Novo – (risos) Sim. Ainda agora sobre o museu, lembrei-me de uma curiosidade. Eu tenho um romance que ainda está inédito, *Madalena*, que ganhou um prêmio, mas que eu ainda não quis publicar, provavelmente, por ser uma história demasiadamente pessoal. Se calhar, ainda não a despersonalizei o suficiente para me distanciar dela e a publicar, mas tem uma cena que é essa mesma do museu imaginário. É um sonho da protagonista, em que ela fantasia que tem uma sala de um museu, para onde vão temporariamente todos os quadros preferidos dela, vindos por artes mágicas das grandes salas de exposição de todo o mundo, que foram reunidas numa exposição temporária só para ela e com todas as prerrogativas: ela pode andar à vontade, pode tocar. Enfim, lembrei-me de que ela tem uma lista de uma espécie de museu pessoal, de sala ideal. Em relação à citação dos dois títulos, bem, acredito que temos de levar em conta que se trata, como o Jorge bem destacou, de uma marotice, de uma brincadeira, não é? Também não gosto de excluir da minha escrita uma intenção lúdica mesmo, por que não? (risos) Acho que foi uma pequena nota de humor e, talvez, de um certo egotismo também, mas pareceu-me por princípio também interessante imaginar que a viagem no tempo se pudesse fazer ao contrário. Por que cabe apenas à Autora viajar no tempo? Por que não pode ser Caillebotte e o irmão Martial viajarem no outro sentido? Tinha mais piada e tornava as coisas muito mais complexas se a viagem no tempo se pudesse fazer nas duas dimensões.

Jorge Vicente Valentim – Mas a cena é deliciosa, porque um olha para o outro e ambos se perguntam “que obras são essas”? (risos)

Isabel Rio Novo – Sim, pois, ao que ambos respondem “nunca ouvimos falar” (risos).

Jorge Vicente Valentim – Voltando à questão do museu imaginário, também, ao longo de *Rua de Paris em dia de chuva*, percebe-se uma arquitetura imaginária. De onde veio essa intimidade, esse à vontade, com a geografia urbana daquela Paris do século XIX que transparece ao longo de toda a trama?

Isabel Rio Novo – Pronto, eu vivi em França por um curtíssimo período de tempo. Graças ao Programa Erasmus, quando estava na faculdade, eu tive a oportunidade de viver um ano,

mas não em Paris, no sul de França, em Pau. E foi que aí que fiz a minha primeira viagem a Paris, numas férias, e depois, quando estava a preparar a tese de doutoramento, como a tese é em literatura comparada e tem a ver com a receção dos textos de teorização produzidos em França, eu acabei por passar várias temporadas, algumas que duraram meses, espaçadamente em anos diferentes, mas acabei por viver em Paris por períodos relativamente curtos: dois, três meses, mas várias vezes. E, pronto, foi através desses períodos em que lá morei e, simultaneamente, mais uma vez, com a literatura francesa do século XIX, eu fiquei com todas essas informações. Claro que depois também, enquanto que no *Rio do esquecimento* eu já tinha a pesquisa toda feita antes de o escrever, no caso de *Rua de Paris em dia de chuva*, eu tive de pesquisar para a própria escrita do romance.

Jorge Vicente Valentim – Mais um ponto muito interessante no teu relato está exatamente no fato de que a tua protagonista, não gratuitamente nominada de Autora (com A maiúsculo mesmo), passa por um período muito coincidentes com esse que a Isabel acabou de descrever. Diante do que já li em alguns comentários na rede, não consigo escapar da pergunta: a Autora (com A maiúsculo) é a Isabel? Ou melhor, vou reformular: a exemplo do que Flaubert disse na sua famosa frase (“Madame Bovary c’est moi”), seria possível a Isabel afirmar: “a Autora (com A maiúsculo) c’est moi”?

Isabel Rio Novo – (risos) No sentido do que Flaubert o disse, sim, mas Flaubert estava consciente de que ele tinha uma existência de vida limitada, e também eu tenho uma existência de vida limitada, não é? Nasci num determinado dia, num determinado ano, e hei de morrer num dia em concreto, isto é, eu, cidadã, Isabel Cristina Folgado Rio Novo. A personagem do livro, não. Não vou dizer, não tenho a pretensão a isso, que a Autora do meu romance vai poder viver no espírito dos seus leitores como a personagem de Flaubert, mas teoricamente continuará a existir, a ver os quadros de Caillebotte, a tomar café com Helena, enquanto houver alguém que pegue no livro e o leia. Portanto, é uma impossibilidade não só teórica, mas concreta, as duas serem a mesma. Agora, é evidente que é uma personagem construída como uma espécie de reflexo da autora real, cujas vivências e cujas memórias são algumas minhas, outras completamente ficcionadas e inventadas. Quase se poderia fazer um *quiz*, um jogo, para adivinhar o que efetivamente se passou comigo e o que não se passou. Há viagens que são absolutamente reais e com pormenores muito verídicos, e há outras que são inventadas.

Jorge Vicente Valentim – Isso fica muito interessante quando se conjugam as duas personagens femininas: de um lado a Autora, com a ficção, e de outro Helena, com a investigação científica para a sua tese. Ambas têm uma ligação visceral com o seu objeto: o pintor Gustave Caillebotte, são duas inclinações muito distintas, mas que se complementam, não?

Isabel Rio Novo – E ambas são dois reflexos, porque, claro, Helena é uma personagem inventada e uma projeção minha. No fundo é a ideia de que a nossa relação com qualquer objeto de estudo, seja um indivíduo, seja o tema que for, só se completa, vá lá, com a visão científica, aliada à visão artística. Eu digo isso aos meus alunos de história da arte e sinto isso de uma forma muito verdadeira, que a arte proporciona-nos um conhecimento sobre o mundo, diferente da ciência, claro, complementar da ciência, mas tão importante quanto a ciência. E não é por acaso que grandes artistas foram também grandes cientistas, e muitos sem o serem interessam-se por essas matérias.

Jorge Vicente Valentim – Bom, estamos caminhando para o final e não posso deixar de expor uma outra curiosidade. Estou escrevendo sobre o teu romance e preciso confessar que é uma das obras mais interessantes, mas que também exige um esforço muito grande do investigador (risos). E veja só o que uma obra literária é capaz de fazer com a vida de um leitor (risos). Eu sempre tive um pé atrás com o realizador Woody Allen, aliás, quem me conhece sabe que nunca fui simpático ou um fã dos seus filmes, mas eu fui instigado a ver *Meia-noite em Paris*.

Isabel Rio Novo – Ah! Aquela cenazinha no museu (risos).

Jorge Vicente Valentim – Sim. E, ao contrário do Gil Pender, o escritor protagonista do filme, que já está com o seu romance pronto, ele só tem um retorno da sua obra porque ele faz esse teletransporte para a Paris dos anos de 1920. Já em *Rua de Paris em dia de chuva*, a possibilidade de uma viagem ao passado é o mote que estimula a Autora, a tua protagonista, a investir sobre o protagonista dela (que acaba por ser teu também), a ponto mesmo de ela própria afirmar não ter qualquer interesse nas versões oficiais sobre Gustave Caillebotte, a não ser aquilo que a imaginação dela instiga. De que forma, portanto, o teu romance dialoga com essa viagem ao passado do filme *Meia-noite em Paris*, de Woody Allen?

Isabel Rio Novo – Eu tinha visto o filme, mas só depois de ter escrito o livro que, por um acaso, reví uma parte do filme e topei com aquela cena em que o amigo muito pedante e muito convencido está a passear com eles pelo museu, não é? E depois comenta para se apresentar como grande conhecedor da arte: “E temos aqui este quadro de Caillebotte que, na minha opinião, foi um pintor muito subestimado”. Eu achei aquilo uma delícia, porque quando estamos obcecados por um tema e quando o encontramos referido por outras pessoas (ou no caso, por outras personagens), nós rejubilamos como crianças, não é? Acho que isso acontece a toda a gente. Também gostei muito quando estava a ver um filme com as minhas filhas, um filme do meu tempo, uma comédia, que, em português de Portugal, está traduzido como *O rei dos gazeteiros*. Mas o nome original, em inglês, é *Ferris Bueller’s day off* (1986)⁵. É a história de um rapaz que decide um dia faltar às aulas, fazer gazeta e

⁵ No Brasil, a tradução é *Curtindo a vida adoidado* (1986), com Matthew Broderick no papel principal e direção de John Hughes.

divertir-se nas ruas de Chicago. E a dada altura, ele vai com a namorada e com o amigo precisamente ao Museu de Arte de Chicago e passa diante da tela *Rua de Paris em dia de chuva*. É só isso (risos), mas eu achei giríssimo (risos).

Jorge Vicente Valentim – Todo esse relato é muito revelador, até porque o eixo temporal sobre o qual a Isabel se debruça no romance é considerado a época de ouro de Paris pela personagem Adriana, aliás, para onde ela foge com Gil, numa de suas andanças pela cidade. E aqui as diferenças com o teu romance ficam mais flagrantes, porque a Autora tem bem definidos o tempo, o espaço e a personagem do seu romance em construção. E o protagonista de Woody Allen só ali percebe que a sua Paris da época de ouro não é nem a década de 1890 (que é a grande fase da cidade para Adriana) e nem mesmo a dos anos de 1920, mas a do seu presente. Tanto que, quando retorna, ele decide terminar tudo com a noiva e ficar na capital francesa. Mas, o que chama a atenção é a fala do amigo pedante ao se referir a Gustave Caillebotte como um “pintor subestimado”. A Isabel concorda com essa proposição?

Isabel Rio Novo – Sim, foi. A começar por ele próprio. Eu acho que ele alternou entre períodos criativos muito entusiasmados e com muita crença nas suas capacidades e outros em que ele próprio não se levou muito a sério. Nesse sentido, ele foi realmente um bocadinho diletante. Depois, ele foi vítima de uma série de preconceitos, desde logo pelo fato de ser rico, quando a maioria dos amigos dele era exatamente o contrário e vivia sempre em grandes dificuldades, a contas com os credores. Ele foi visto como um menino rico que pintava nas horas vagas e que não precisava de vender as suas obras para sobreviver. E claro, ficou muito ligado à sua função de mecenas e de colecionador. Acho que a história do legado, do imbróglio do legado durante muitas décadas, escondeu e apagou a outra faceta dele: a de um criador muito original. Dentro do grupo dos Impressionistas, com artistas muito independentes e muito diferentes uns dos outros, mesmo à conta dessas diferenças, ele foi muito original.

Jorge Vicente Valentim – Para além do artista subestimado, e, talvez, por causa disso, a personagem Autora investe também um olhar escrutinador sobre a vida de Caillebotte, mas discordando da posição da investigadora Helena sobre uma série de aspectos. Um que mais me chamou a atenção é a atração do artista por outros homens, numa época em que a homossexualidade, mesmo na Paris finissecular com seus *dandies* e outras figuras cosmopolitas, ainda era considerada um tabu, um crime e uma doença. Qual foi a tua principal preocupação ao tocar nesse tema, ligado à vida da personagem?

Isabel Rio Novo – Bem, a minha principal preocupação foi precisamente situá-lo *dentro* desse dilema. Gustave foi filho da sua época, como todos somos filhos da nossa, e nesse sentido não podia deixar de ter sido formado e educado para encarar a homossexualidade como tudo isso que referes: um tabu, um crime, uma doença. Ora, se ele sentia, como eu acho que sentia e muitos outros antes de mim defenderam, uma atração, também, por pessoas do seu próprio sexo, isso só pode ter contribuído para lhe adensar dúvidas e inquietações íntimas. O que

fiz foi inventar-lhe um breve romance com De Nittis (espero que o verdadeiro não me leve a mal lá do Além, porque possivelmente esse não se sentia, de todo, atraído por homens), talvez porque a equação dois belos jovens de barbas + calor italiano + paisagens de Nápoles estava mesmo a pedi-las (risos).

Jorge Vicente Valentim – Claro está, e a Isabel já chamou a atenção para esse aspecto, que o teu Gustavo Caillebotte é uma criatura puramente ficcional. No entanto, em alguns momentos, o leitor fica com dúvidas sobre esse completo estatuto de ficcionalidade, sobretudo, quando algumas referências (todas elas destacadas em itálicos) invadem o texto. Um destaque nesse sentido é a carta no capítulo 15. Esse texto realmente existe ou foi mais uma invenção muito bem urdida pelo teu narrador?

Isabel Rio Novo – Foi uma invenção. O Impressionismo é uma corrente artística destituída de manifestos. O grupo de pintores que hoje apelidamos de impressionistas é, aliás, constituído por individualidades muito independentes, muito diferentes entre si, unidas pelo desejo de romperem com o academismo, com o gosto convencional. Achei que poderia ser interessante colocar Caillebotte, grande impulsionador do Impressionismo, a redigir uma espécie de manifesto, ainda que muito pessoal, muito subjetivo, em estilo de carta, como dizes, dirigido à personagem da Autora. Para isso, coleí no seu discurso várias passagens de “teorização” do movimento que encontrei dispersas em jornais e publicações da época.

Jorge Vicente Valentim – Depois de um romance dessa envergadura, com uma quantidade tão grande referências e citações, com uma viagem muito minudente sobre a arquitetura urbana em transformação da Paris oitocentista, sobre a arte, sobre a música, sobre a literatura, enfim, sobre um espaço culturalmente efervescente, imagina-se o cansaço que uma obra dessas provoca. Assim sendo, a Isabel tem algum projeto futuro em mente?

Isabel Rio Novo – Sim, tenho, mas também tenho de dizer que *Rua de Paris em dia de chuva* foi escrito em condições muito excepcionais, porque eu recebi uma bolsa de criação literária, que me permitiu durante seis meses dedicar-me à escrita. Talvez, não tivesse sido tão fácil escrever um romance se não tivesse beneficiado, como disse, dessas condições excepcionais. Eu estou neste momento a trabalhar devagarinho, como é meu hábito, em outro romance, e estou a trabalhar numa outra obra de não-ficção, uma biografia.

Jorge Vicente Valentim – Para, então, finalizar, como sempre faço nas minhas entrevistas, eu gosto sempre de propor um bate-e-volta. Eu lanço uma provocação e a Isabel responde com a primeira expressão ou o primeiro nome que vier à mente. Para Isabel Rio Novo, um poeta?

Isabel Rio Novo – Luís de Camões.

Jorge Vicente Valentim – Uma poetisa?

Isabel Rio Novo – Florbela Espanca.

Jorge Vicente Valentim – Um ficcionista?

Isabel Rio Novo – Machado de Assis.

Jorge Vicente Valentim – Uma ficcionista?

Isabel Rio Novo – Agustina Bessa-Luís.

Jorge Vicente Valentim – Um sonho?

Isabel Rio Novo – Viajar para todos os sítios que me apetecesse e ao espaço. Quando era pequenina, queria ser astronauta (risos).

Jorge Vicente Valentim – Muito obrigado pelo tempo e pela disponibilidade para essa conversa tão enriquecedora. Nós, leitores, ficamos na expectativa e com a esperança de que os teus livros comecem a ser publicados cá, para que os brasileiros possam ter acesso a esses universos ficcionais oitocentistas recriados pela Isabel.

Isabel Rio Novo – Obrigada eu pelo interesse e pela atenção aos meus escritos.

VALENTIM, J. V. “Que temos nós de nosso senão o que inventamos?” Interview with Isabel Rio Novo. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 13, n. 1, p. 164-180, 2021. ISSN 2177-3807.

Referências

DOSSE, F. *O desafio biográfico*. Escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EdUSP, 2009.

RIO NOVO, I. L'exil dans la formation du Romantisme portugais: une question de réception. In: *Estudos em homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004. p. 289-297.

Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4393.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

RIO NOVO, I. *Rio do esquecimento*. Lisboa: Dom Quixote, 2016.

RIO NOVO, I. *Rua de Paris em dia de chuva*. Lisboa: Dom Quixote, 2020.

Recebido em: 05 fev. 2021

Aceito em: 22 mar. 2021